



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

O ESTILO LITERÁRIO DE MÁRIO DE ANDRADE

EM MACUNAÍMA

LUIZ ANTONIO ARAGÃO MARTINS

Rio de Janeiro

2025

LUIZ ANTONIO ARAGÃO MARTINS

**O ESTILO LITERÁRIO DE MÁRIO DE ANDRADE
EM MACUNAÍMA**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras: Português e Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo dos Santos Coelho

Rio de Janeiro

2025

CIP - Catalogação na Publicação

M386e Martins, Luiz Antonio Aragão
O estilo literário de Mário de Andrade em
Macunaima / Luiz Antonio Aragão Martins. -- Rio de
Janeiro, 2025.
33 f.

Orientador: Eduardo dos Santos Coelho.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Literaturas, 2025.

1. Andrade, Mário de, 1893-1945. - Macunaima -
Crítica e interpretação. 2. Literatura brasileira -
Crítica e interpretação. 3. Macunaima (Romance). I.
Coelho, Eduardo dos Santos, orient. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Cila VS Borges - CRB7/6218

FOLHA DE AVALIAÇÃO

LUIZ ANTONIO ARAGÃO MARTINS

DRE 110094573

O ESTILO LITERÁRIO DE MÁRIO DE ANDRADE EM MACUNAÍMA

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras: Português e Literaturas de Língua Portuguesa.

Data da avaliação 01 / 10 / 2025.

Banca Examinadora:

Eduardo Coelho

NOTA: 10,0

Prof. Dr. Eduardo dos Santos Coelho – Orientador - Presidente da Banca Examinadora
Faculdade de Letras – Universidade Federal do Rio de Janeiro

Sra. Sonia Reis

NOTA: 10,0

Profa. Dra. Sonia Cristina Reis – Leitora Crítica
Faculdade de Letras - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Assinatura dos Avaliadores:

Eduardo Coelho

MÉDIA: 10,0

Sra. Sonia Reis

AGRADECIMENTOS

No ano de 2022, quando foi comemorado o Centenário da Obra de Mário de Andrade, tive a grande oportunidade de fazer o meu estágio obrigatório no Colégio de Aplicação da UFRJ sob supervisão da professora Lorena, que conseguiu convites para a estreia do Ballet Macunaíma, no Theatro Municipal, em horário matutino, para alunos de escolas públicas do Rio de Janeiro. Nada acontece por acaso! Eu que já tinha em mente realizar o TCC com esse tema, nada mais propício e prazeroso do que participar desse momento tão importante dentro da obra de Mário de Andrade, além de apreciar o trabalho elaborado e desenvolvido pela Escola de Música da UFRJ na autoria da trilha musical, direção, coreografia, corpo de baile, figurinos, direção de arte, iluminação e as projeções no cenário, ficaram perfeitos. O ambiente do Theatro Municipal, por si só, já consegue arrebatar a todos! E o espetáculo de ballet tinha uma música linda, tocada ao vivo por uma orquestra brilhante! Esse relato da ida ao ballet Macunaíma no Theatro Municipal foi um mote perfeito para iniciar meu trabalho.

Agradeço, assim, à Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, universidade pública e de qualidade, que me permitiu essa graduação e boas memórias;

Agradeço à minha irmã Diana (*in memoriam*) por me apresentar *Macunaíma*;

Agradeço aos meus irmãos Wilson, Raul e Néia por tudo;

Agradeço ao meu filho Lucas e à sua mãe, Carmen, pelo apoio constante;

Agradeço à Raquel pela parceria e constante estímulo;

Agradeço ao Professor Eduardo Coelho por, gentilmente, aceitar ser meu orientador e por todas as conversas enriquecedoras;

Agradeço à Professora Sonia Reis por sua generosidade e incentivo constantes;

Agradeço ao amigo Ubirajara Costa, meu leitor crítico, pela amizade e pelas dicas;

Agradeço à Bibliotecária Irany Barros pela revisão da monografia e à Bibliotecária Cila Borges pela confecção da ficha catalográfica;

Agradeço aos amigos da Biblioteca José de Alencar da Faculdade de Letras pelo acolhimento;

Mais uma vez obrigado a todos que me acompanharam nessa caminhada no mundo das Letras.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar o estilo literário de Mário de Andrade na obra *Macunaíma*, o herói sem nenhum caráter. Esta monografia pretende trazer à lume alguns textos que discorrem sobre *Macunaíma*, a grande obra de Mário de Andrade e uma das mais importantes do Modernismo, além de apresentar o escritor-criador Mário de Andrade, personalidade marcante nos meios culturais brasileiros. Pretende-se expor uma pequena biografia do escritor brasileiro, seguida de análises de críticos sobre sua escrita, avançando, finalmente, para a análise do estilo literário desenvolvido por Mário de Andrade na obra *Macunaíma*, publicada em 1928. Será verificado, na confecção dessa rapsódia, o uso de *A Gramatiquinha da fala brasileira*, edição organizada por Aline Novais de Almeida, em 2022 sobre a obra do mesmo autor, no ano de 1928.

Palavras-chave: Macunaíma; Literatura brasileira; Fortuna crítica.

ABSTRACT

This work aims to present the literary style of Mário de Andrade in his work "Macunaíma, the Hero Without Any Character." This monograph aims to bring to light several texts that discuss "Macunaíma," Mário de Andrade's great work and one of the most important of Modernism, as well as to introduce the writer-creator Mário de Andrade, a prominent figure in Brazilian cultural circles. The aim is to present a brief biography of the Brazilian writer, followed by critical analyses of his writing, ultimately advancing to an analysis of the literary style developed by Mário de Andrade in his work "Macunaíma," published in 1928. In the creation of this rhapsody, the use of "A Gramatiquinha da fala brasileira", an edition edited by Aline Novais de Almeida in 2022, will be examined, focusing on the same author's 1928 work.

Keywords: Macunaíma; Brazilian literature; Critical fortune.

LISTA DE FIGURAS

1	Cartaz do filme <i>Macunaíma</i> , de 1969	17
2	<i>A Gramatiquinha de Mário de Andrade</i>	18
3	<i>A Gramatiquinha da fala brasileira</i>	19

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
1.1	INTRODUÇÃO AFETIVA	9
1.2	INTRODUÇÃO PROPRIAMENTE DITA	10
2	FORTUNA CRÍTICA DE MACUNAÍMA	12
2.1	MÁRIO DE ANDRADE	12
2.2	MACUNAÍMA	14
3	GRAMATIQUINHA DA FALA BRASILEIRA	18
4	ESTILO LITERÁRIO DE MÁRIO DE ANDRADE EM MACUNAÍMA	20
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
	REFERÊNCIAS	26
	ANEXO A - EDIÇÕES DE MACUNAÍMA NA BASE MINERVA UFRJ	28
	ANEXO B – CAPA DA PRIMEIRA EDIÇÃO	30
	ANEXO C – ENTRADA DO BLOG DA BIBLIOTECA NACIONAL	31
	ANEXO D – CAPAS DE DIVERSAS EDITORAS	32
	ANEXO E – CARTA “ABERTA” A RAIMUNDO MORAES	33

1 INTRODUÇÃO

Para a realização deste trabalho, optei por escrever duas introduções, uma de caráter afetivo e outra mais propriamente acadêmica. Na primeira, apresento a introdução afetiva que explica o caminho pelo qual cheguei à obra *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*, de Mário de Andrade. Já a segunda introdução traz elementos de pesquisa bibliográfica que situa a obra e suas peculiaridades na literatura brasileira.

1.1 INTRODUÇÃO AFETIVA

Justificativa

Esta introdução se faz necessária para explicar a escolha do meu tema para o trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Letras: Português-Literaturas.

Eu era o caçula de cinco irmãos e saía sempre levado pelos mais velhos, como minha irmã Diana Aragão, que estava se formando na Escola de Comunicação da UFRJ, e frequentemente ia à Cinemateca do Museu de Arte Moderna, onde aconteciam os lançamentos do Cinema Novo, com a presença dos diretores e com debates acalorados, tanto pelo momento político, já que estávamos em plena ditadura militar, como também pela ânsia dos estudantes em se manifestar. Em uma dessas ocasiões, assisti à projeção de *Macunaíma*, com a presença do diretor Joaquim Pedro de Andrade.

Eu, um garoto na época, achava tudo muito interessante. Não que tivesse entendimento pleno, mas sentia uma importância muito grande em estar naquele ambiente e, de uma forma ou de outra, estar participando.

Após dois anos de estudos em colégio particular, fiz a prova de admissão para o Colégio Pedro II em 1969 e fui aprovado. Essa ocasião foi muito importante, pois desonerava a família de pagar mensalidades.

Logo que iniciei os estudos no Colégio Pedro II do Humaitá, na zona Sul do Rio de Janeiro, fiquei bem feliz por estar dentro do ambiente que o colégio proporcionava, com suas salas amplas e arejadas. Tínhamos todos os professores disponíveis, em sala de aula, e uma grande novidade para minha vida: uma biblioteca onde poderia, além de consultar, levar livros para ler em casa!

Nesse período, minha lembrança mais marcante foi à ida à biblioteca, onde peguei o livro de Mário de Andrade, *Macunaíma*. Como já havia assistido ao filme e existiam lacunas na compreensão da obra, vi na leitura do livro a oportunidade de preenchê-las e procurar

compreender melhor a dinâmica do autor, para explicar o nascimento de figura tão emblemática, que, de uma hora para outra, se torna branco e passa a viver na cidade grande, a Capital.

1.2 INTRODUÇÃO PROPRIAMENTE DITA

Objetivo

Esta monografia pretende trazer a lume alguns textos que discorrem sobre *Macunaíma*, a grande obra de Mário de Andrade e uma das mais importantes do Modernismo, além de apresentar o escritor-criador Mário de Andrade, personalidade marcante nos meios culturais brasileiros.

Metodologia

Pretende-se expor uma pequena biografia do escritor brasileiro, seguida de análises de críticos sobre sua escrita, avançando, finalmente, para a análise do estilo literário desenvolvido por Mário de Andrade na obra *Macunaíma*, publicada em 1928, “considerada uma das obras mais importantes de Mário de Andrade (1893-1945). A história do ‘Herói sem Nenhum Caráter’ (subtítulo) condensa boa parte do ideário do primeiro modernismo brasileiro” (*Encyclopédia Itaú*, 2024).

Referencial teórico

Esta monografia irá se concentrar, a partir de *Macunaíma*, sobre o “Português no Brasil como estilo literário”. Com tal finalidade, pretendo me valer d’A *Gramatiquinha da fala brasileira* (2022), edição organizada por Aline Novais de Almeida, dedicada à obra do mesmo autor, no ano de 1928.

Mário de Andrade, ao passar férias no interior paulista, na cidade de Araraquara, escreveu *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter* de “um jato” e se tornou uma das mais importantes obras escritas em toda nossa história literária. Mas sabemos que não foi bem assim. *Macunaíma* compreende uma série de investigações a respeito de lendas indígenas e do português falado no Brasil.

Com uma linguagem peculiar, Mário de Andrade criou um estilo literário em que, além de usar palavras regionais, criou neologismos, através de vários elementos de junção de palavras, como apontaram Telê Ancona Lopez e Tatiana Longo Figueiredo (2012) no trecho a seguir:

A atualização ortográfica pela norma vigente, na mesma consideração ao projeto literário, acata integralmente a estilização da língua falada no país, na prosa experimental da rapsódia que busca captar “a entidade brasileira”. Convicta do valor da sonoridade e do ritmo da frase, em um texto configurado como uma “fala mansa, muito nova, muito! Que era canto e que era caxiri com mel-de-pau, que era boa e possuía a traição das frutas desconhecidas do mato”, passa ao largo da escrita fonética em “lião”, “viado”, “ólio” e outras palavras, bem como de locuções inventadas (“de noite”, “há-de”) e substantivos compostos grafados sem divisão ou constituídos no texto, tais como “sabiágonga”, palavras-feias, bolo-de-aipim, entre muitos. (Andrade, 2012, p. 12).

Coelho (2022) ainda observa que:

Foi nesse sentido que os modernistas mais intervieram nas políticas especificamente literárias: incorporando as falas brasileiras como recurso de estilo para a formação de uma literatura nacional. Não se tratava de criar um novo idioma, mas de reconhecer que as variações linguísticas produzidas no Brasil faziam parte da língua portuguesa. (Coelho, 2022, p. 65).

Telê Ancona Lopez e Tatiana Figueiredo (2013) fazem os seguintes destaques referentes a *Macunaíma*:

Em *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*, Mário de Andrade radicaliza o uso literário da linguagem oral popular que já havia utilizado em seus livros anteriores e mistura folclore, lendas, mitos e manifestações religiosas de vários recantos do Brasil, como se fizessem parte de uma unidade nacional. Macunaíma, que ora é índio negro ora é branco, até hoje é considerado símbolo do brasileiro em vários sentidos: o do malandro esperto, amoral, que sempre consegue o que quer, e o do povo perdido diante de suas múltiplas identidades. Nas palavras do próprio autor, Macunaíma vive por si, porém possui um caráter que é justamente o de não ter caráter. (Andrade, 2013, orelha do livro).

Conforme artigo do Professor Eduardo Coelho, “A memória da poesia modernista” (2022, p.65), verifica-se que os estudos de Mário de Andrade acerca da fala brasileira identificavam que “a estilização do ‘brasileiro vulgar’, a que, no intento de abalar focos de resistência, concitava outros escritores”.

Assim, a obra de Mário de Andrade colaborou para que outros escritores valorizassem as falas brasileiras em seus textos, confirmando uma nova identidade literária nacional.

2 FORTUNA CRÍTICA DE MACUNAÍMA

Para escrever sobre uma obra, pode ser interessante conhecer aspectos da vida do seu autor, pois muitas peculiaridades poderão ser decifradas nessa imersão. Assim, pretende-se apresentar um pouco da vida e obra do autor de *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*.

2.1 MÁRIO DE ANDRADE

Mário Raul de Moraes Andrade nasceu em São Paulo, Capital, em 9 de outubro de 1893. Escritor brasileiro que começou com obras de poesia, mas se destacou também como romancista, contista, crítico literário, professor e pesquisador de produções musicais e excelente folclorista.

Estudou piano e deu aulas particulares desse instrumento. Frequentava saraus, rodas de poesia e literatura, onde conheceu Anita Malfatti e Oswald de Andrade, que se tornou seu inseparável amigo. Na Encyclopédia da Literatura Brasileira, elaborada pelo Professor Afrânio Coutinho, lemos que o escritor “cursou o Conservatório Dramático e Musical, de que foi professor. Fundou o Departamento de Cultura, a Discoteca Pública, o curso de Etnografia e Folclore”. Por essa descrição já se pode observar o potencial criativo de Mário de Andrade, mas, além disso, ele foi “professor da Universidade do Distrito Federal, colaborou com o Serviço de Patrimônio Histórico e com o Instituto Nacional do Livro. Poeta, ficcionista, musicista, esteta, crítico de artes e letras, folclorista. É extraordinária a sua figura intelectual” (*Encyclopédia da literatura brasileira*, 2001, p. 226-227).

Mário se interessava por tudo aquilo que dissesse respeito ao seu país, e teve papel importante na implantação do Modernismo no Brasil, tornando-se a figura mais importante da geração surgida em 1922. Seu romance *Macunaíma*, de 1928, foi sua criação máxima.

Em 1917 publicou, sob o pseudônimo de Mário Sobral, seu primeiro livro, intitulado *Há uma gota de sangue em cada poema*, no qual faz críticas à Primeira Guerra Mundial e defende a paz (*Encyclopédia Itaú*, 2024.)

O ano de 1922 foi muito importante para Mário de Andrade, sendo ele, de todos os integrantes da Semana de 22, aquele que apresentou o projeto mais consistente de renovação da literatura, já que, inicialmente, a lei era romper com o “passadismo”, renovando as artes brasileiras, o que se torna notável em *Pauliceia desvairada* (1922), enquanto num segundo momento, iniciado em 1924, os modernistas buscaram libertar a arte brasileira do modismo europeu, “procurar uma linguagem nacional e promover a integração entre o homem brasileiro e sua terra” (*Encyclopédia da literatura brasileira*, 2001, p. 226-227), o que ele fez muito bem.

Mário era tão ativo em suas atividades que acabou tendo o:

Papel de relevo na revolução modernista, pelo que ficou apelidado de o Papa do Modernismo, exerceu grande influência como guia e orientador das gerações intelectuais que lhe sucederam. Foi um líder, uma presença marcante, graças à sua inteligência, consciência artística, probidade moral, e visão do fenômeno literário. (*Encyclopédia da literatura brasileira*, 2001, p. 227).

Para Mário de Andrade, o processo da escrita era muito importante, ele cultivava métodos, escrevia muito, selecionava, cortava, substituía textos até que lhe parecessem adequados ao que queria dizer. Era um leitor:

Ávido, que constituiu uma biblioteca plural de títulos pertencentes aos domínios os mais variados, Mário de Andrade anotou incontáveis páginas nos livros por ele organizados em suas estantes. Quase sempre a grafite, a marginália desse leitor-escritor dialoga com formas, conceitos, teorias; aponta para o exame detido de temas, personagens, estruturas; capta alterações, desloca imagens; subverte caminhos impostos por autores. (Kimori, 2017, p. 215).

Essa forma minuciosa de leitura, de análise, de compreensão dos textos:

Permite que se acompanhe a leitura realizada por um poeta iniciante, mas contestador de cânones, poeta que é também um crítico em idêntico estágio; leitura que deixa marcas das etapas de seu trabalho e aponta competências e interesses na observação de formas e soluções alheias; precede a definição do poeta e crítico comprometido com o modernismo. Que se tornará um expoente dessa nova estética. (Ibid., p. 215).

Moraes também fez considerações relevantes sobre o processo de escrita de Mário de Andrade:

Talvez a primeira tentativa de um exame integral e exaustivo das circunstâncias e dos processos de criação realizado por Mário possa ser localizada na mencionada carta dirigida a Carlos Lacerda em 5 abril de 1944, na qual o remetente trilha os meandros das etapas da escritura de “O Carro da miséria”. O escritor paulistano empreende a busca dolorida de si no poema escrito “em duas datas pós-revolução, duas bebedeiras, duas motivações psicológicas idênticas”, revelando que na primeira ocasião, lançada de si uma “escritura... mediúnica”, ou seja, livre dos recalques da consciência. Ao analisar-se, entra em becos-sem-saída, pois daquele poema escrito em transe, “certas palavras, certos vocativos, por mais que eu me psicanalise, não consigo descobrir donde vieram”. (Moraes, 2006, p. 69).

Na visão de Moraes (2006), “Mário de Andrade parecia impor a moral do artista verdadeiro: o ser fatalizado, consciente de sua técnica expressiva e insaciável pelo conhecimento dos subterrâneos de si e de sua arte”.

Sob o ponto de vista de Proença (1987), em relação à obra *Macunaíma*, é:

Preciso, entretanto, que se conheça o método de trabalho de Mário de Andrade, para compreender como foi possível em tão pouco tempo redigir um livro no qual se acumula um despósito de lendas, superstições, frases feitas, provérbios e modismos de linguagem, tudo sistematizado e intencionalmente entretorcido, feito

um quadro de triângulos coloridos em que os pedaços, aparentemente juntados ao acaso, delineiam em conjunto a paisagem do Brasil e a figura do brasileiro comum. (Proença, 1987, p. 5).

A obra *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter* foi escrita por Mário de Andrade em 1926, “em uma semana de rede e muito cigarro: 16 a 23 de dezembro” (Ibid., p. 5). Dos livros de Mário de Andrade em prosa, *Macunaíma* é sua obra mais importante. Em linguagem própria e inovadora em seu projeto em busca da problematização da brasiliade, destaca as diversas qualidades do autor como poeta, prosador e pesquisador do folclore e da música brasileiros.

Mário de Andrade faleceu em São Paulo, no dia 25 de fevereiro de 1945, vítima de um ataque cardíaco.

2.2 MACUNAÍMA

Romance modernista escrito por Mário de Andrade e publicado em 1928, conta a história de um índio, Macunaíma, herói sem nenhum caráter, que viaja de sua aldeia até São Paulo, para recuperar sua muiraquitã. A obra traz narrativas orais, mitos, tradições.

Macunaíma, o herói sem nenhum caráter se tornou indispensável na literatura brasileira do século XX. Um livro marcante da nossa literatura pelo aspecto inovador, uma rapsódia que conseguiu ser um marco no Modernismo, trazendo uma aventura do herói sem caráter que cultiva a simpatia do leitor, mesmo com todas as falcatruas que ele protagoniza.

Mário de Andrade, ao escrever *Macunaíma* em suas férias em Araraquara, de forma aprimorada, conseguiu enriquecer o livro com a totalidade do Brasil, misturando crenças e credices, fazendo do nosso herói sem caráter uma pessoa que carrega todos os aspectos do ser humano, tanto os que são do bem, como os que são do mal.

A pesquisadora Telê Porto Ancona Lopez (1974) explica que, em carta aberta publicada por Mário de Andrade no *Diário Nacional*, dirigida a Raimundo Moraes, do dia 20 de setembro de 1931, São Paulo, o escritor comenta com alegria a leitura de um verbete sobre o escritor Theodor Kock-Grunberg no *Meu dicionário de coisas da Amazônia*, onde Raimundo Moraes defendeu Mário de Andrade, que foi acusado de se inspirar no livro *Vom Roraima zum Orinoco*, de Theodor Kock-Grunberg, para escrever *Macunaíma*.

Mário de Andrade comenta sobre a história dos rapsodos de todos os tempos e diz que os rapsodos atuais são os cantores nordestinos, que usam o mesmo processo dos antigos, ouvindo uma coisa aqui, outra ali e formando repentes, histórias, transportando integral e

primariamente tudo o que escutam e leem seus poemas, se limitando a escolher entre o lido e o escutado e a dar ritmo ao que escolhem para que caiba nas cantorias.

O escritor modernista admite que foi numa leitura do livro desse etnógrafo que veio a ideia de escrever *Macunaíma*. Ele ainda cita vários escritores, onde ele “bebeu as informações” para então compor o *Macunaíma*. Ele assume essa atitude não como um plágio e sim uma soma de informações necessárias à realização do trabalho.

Mário de Andrade em um trecho da carta afirmou:

Além de ajuntar na ação incidentes característicos vistos por mim, modismos, locuções, tradições ainda não registradas em livro, fórmulas sintáticas, processos de pontuação oral etc, de falas de índio, ou já brasileiras, temidas e refugadas pelos geniais escritores brasileiros da formosíssima língua portuguesa. (Lopez, 1974, p.99)

Andrade ainda afirmou: “copiei sim, meu querido defensor”. Mas o que o espantava era dizer que ele tinha copiado apenas o etnógrafo e não todos os autores que ele conhecia e havia lido. Diante disso, ele escreveu a Raimundo Moraes, justificando: “O Sr. poderá me contradizer afirmado que no estudo etnográfico do alemão, *Macunaíma* jamais teria pretensões a escrever um português de lei. Concordo, mas nem isso é invenção minha pois que é uma pretensão copiada de 99 por cento dos brasileiros! Dos brasileiros alfabetizados”.

Macunaíma tem uma contemporaneidade que permite o estudo da obra agora, no século XXI. Além da formação do povo brasileiro, de que trata sua obra, Mário de Andrade discutiu outros fatores determinantes, como o português do Brasil e a diversidade cultural do país.

O protagonista do livro é um verdadeiro anti-herói. Índio-negro, preguiçoso. “Em carta a Manuel Bandeira ria-se de antemão do espanto que iria causar *Macunaíma* e sua mensagem, indecifrável para os que não conhecem o Brasil, para os que consideram ótimas as bandalheiras de Júpiter e desdenham as de Poronominare e *Macunaíma*”. (Moraes, 2006, p. 50).

Macunaíma nasceu índio-negro à beira do Rio Uraricoera, na floresta Amazônica, na tribo dos Tapanhumas, onde ele vivia com a família e conhecia apenas aquele universo, cercado de floresta, rios e a natureza mais exuberante.

A rapsódia de Mário de Andrade faz com que *Macunaíma* saia da selva Amazônica, para ir em busca de sua muiraquitã, um amuleto de pedra que havia ganhado de Ci, a Mãe do Mato, e depois ele perdeu. *Macunaíma*, com seus dois irmãos, Maanape e Jiguê, vai então em busca desse amuleto, em direção ao Sul, e nossa rapsódia se transfere para São Paulo, a maior cidade do Universo. *Macunaíma* fica encantado com a modernidade da cidade grande e, ao

mesmo tempo, saudoso de sua terra natal. As diferenças entre a selva e a modernidade da cidade grande são demais para o nosso herói.

A luta para sair em busca do seu amuleto, que se encontrava em poder do peruano Venceslau Pietro Pietra, deixa evidente esse abismo entre a selva e a cidade grande, fazendo com que nosso herói sofra todas as mazelas que uma metrópole oferece. Mário de Andrade, dentro desse contexto, criou um clima de aventura, com realismo e fantasia misturados, acentuando, desse modo, a grande diferença entre a floresta Amazônica e a cidade grande.

Ivan Teixeira (2012), no prefácio intitulado “Ideia de crítica”, aborda os argumentos da crítica em relação à divulgação da obra:

Nesse sentido, um dos momentos reveladores do livro, e não são poucos, será a restauração do debate em torno do conceito de nacionalismo, categoria fundamental para entender o momento de produção e de circulação não só da obra de Mário de Andrade, mas também de seus contemporâneos. A pesquisa do livro revela não um, mas vários nacionalismos, destacando aquele que teria caracterizado o pensamento e a ficção de Mário de Andrade. (Teixeira apud Ramos Jr., 2012, p. 15).

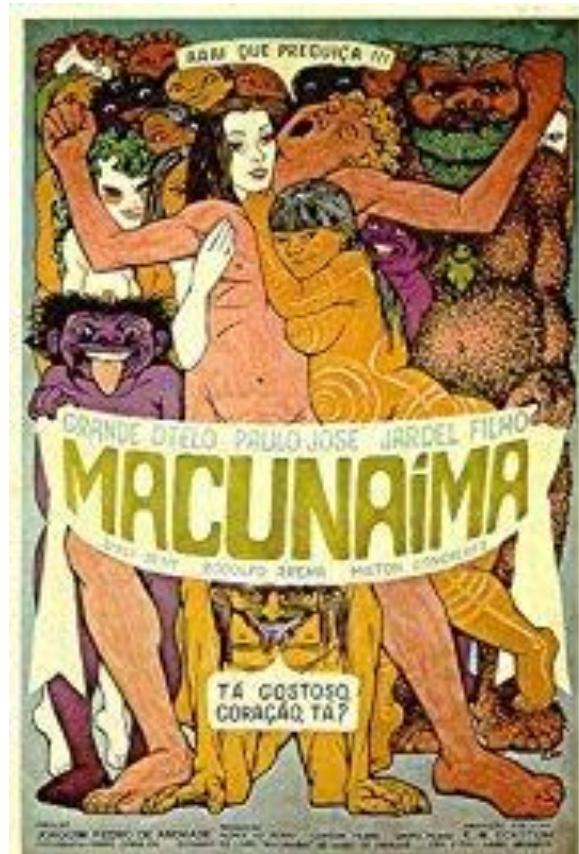
Raul Antelo, em seu artigo (1993, p. 19), explica que o herói quando chega a São Paulo se defronta “com a cultura urbana e a tecnologia moderna. Mas nesse ponto e ao lado da peculiar organização sensorial e perceptiva com que a ficção constrói a identidade compósita da personagem, o relato questiona as relações entre verdade e saber”. O texto encontrado no capítulo V da obra *Macunaíma* (2012, p. 39) ilustra isso:

Acordou com os berros da bicharia lá em baixo nas ruas, disparando entre as malocas temíveis. E aquele diacho de sagui-açu que carrega pro alto do tapiri tamanho em que dormira... Que mundo de bichos! Que despropósito de papões roncando, mauaris juruparis sacis e boitatás nos atalhos nas socovas nas cordas dos morros furados por grotões donde gentama saía muito branquíssima, de certo a filharada da mandioca!... A inteligência do herói estava muito perturbada. As cunhás rindo tinham ensinado pra ele que o sagui-açu não era saguim não, chamava elevador e era uma máquina. De-manhãzinha ensinaram que todos aqueles piados berros cuquidas sopros roncos esturros não eram nada disso não, eram mas cláxons campainhas apitos buzinas e tudo era máquina. (Andrade, 2012).

Surge aí o desencantamento, a perda de inocência: Macunaíma passa uma semana sem comer nem brincar, observa uma nova realidade que o entristece.

Macunaíma, o herói sem nenhum caráter foi adaptado para o cinema em 1969, pelo diretor Joaquim Pedro de Andrade. O filme foi protagonizado por Grande Otelo, Paulo José, Dina Sfat, Jardel Filho e Milton Gonçalves. O filme foi muito elogiado pela crítica e também pelo público, sendo um marco do Cinema Novo.

Figura 1 – Cartaz do filme Macunaíma de 1969



Fonte: Arquivo Pessoal.

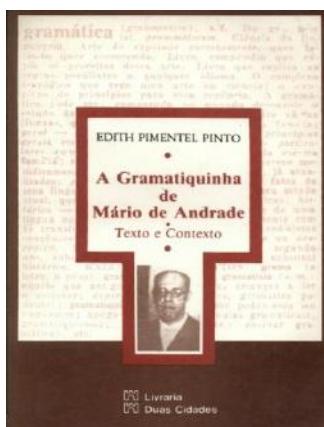
Macunaíma, o herói sem caráter traz em sua trajetória várias teorias e estudos que sempre tentam mostrar características do modernismo, e sendo uma rapsódia, essa obra tem vida própria. Os estudiosos da obra de Mario de Andrade acumulam informações relevantes sobre o trajeto do nosso herói Macunaíma em sua passagem da floresta amazônica para São Paulo e, nesse caminho, percebe-se a grandeza da obra, que nos mostra a complexidade do Brasil por meio do que existe nesse caminhar.

Hoje poderíamos, dentro das análises, fazer observações sobre a preservação da natureza, como manter e preservar nossos ambientes naturais. Mário de Andrade em sua obra nos ensina vários aspectos míticos e religiosos, que fazem com que a obra de modo geral tenha essa característica de ser inclassificável, sempre aberta a novas análises e estudos por parte dos acadêmicos.

3 A GRAMATIQUINHA DA FALA BRASILEIRA

Mário de Andrade escreveu diversos textos sobre o português do Brasil, organizados por Edith Pimentel Pinto em *A Gramatiquinha de Mário de Andrade*, onde se encontra a ideia da "estilização do brasileiro vulgar". Nesse aspecto os modernistas, mais intervieram, incorporando as falas brasileiras como recurso de estilo para a formação de uma literatura nacional.

Figura 2 – A Gramatiquinha de Mário de Andrade



Fonte: Arquivo Pessoal.

A agenda da *A Gramatiquinha* (2022) foi dividida pelo autor da seguinte forma:

(1) a classificação de expressões, mesmo reconhecendo a precariedade dessas classificações; (2) o reconhecimento da fluidez na separação entre as categorias gramaticais; (3) o estudo da frase, (4) o estudo do pronome, (5) o estudo da pontuação, (6) gramática e estilística, (7) gramática como um conjunto de usos. (Andrade, 2022, p. 11).

No manifesto de Mário sobre a gramática encontramos a classificação proposta por ele dizendo que a palavra é uma identidade. O substantivo é uma entidade qualitativa, enquanto o adjetivo é uma entidade limitativa. O verbo é uma entidade acionadora e vitalizadora. O advérbio é uma entidade modalitativa e modificativa. O pronome é uma entidade personalitativa. Já a preposição não é uma entidade, é ligadura de entidades. (Andrade, 2022, p. 11).

Ele identifica, em *A Gramatiquinha* (2022), os “brasileirismos” como partes de usos na nossa língua:

Uma constatação importante é esta a que cheguei: não tem “brasileirismos”. Desde que um fulano fale uma palavra e essa palavra ou esse modismo se generalize, ele faz parte da língua. Assim os chamados brasileirismos por simples bobagem de

comodismo gramatical, não são brasileirismos nem nada, são palavras, sintaxes novas incorporadas à fala portuguesa e, portanto, fazendo parte dela legitimamente. Pertencem à língua portuguesa. (Andrade, 2022, p. 14).

Fig. 3 A Gramatiquinha da fala brasileira



Fonte: Fundação Alexandre de Gusmão

Também destaca o uso literário:

Língua como uso literário: É incontestável que as minhas sistematizações brasileiras de qualquer espécie caracterizam por demais um estilo literário. E pouco mais além: Se alguém se mete trabalhando a fala brasileira em sua estilização literária, é lógico que vai ficar parecendo um pouco comigo porém isso só prova uma coisa: é que a fala brasileira é um fato pois que se um se parece com outro é porque ela já possui certa unidade e certo caráter individualmente original e dela só. (Andrade, 2022, p. 14).

Por ocasião de iniciar a produção da *A Gramatiquinha*, Mário não reconhecia que estava fazendo ciência, para ele era Literatura. Ele dizia que não apresentava como obra de técnica e sim obra de ficção, rejeitando a percepção da gramática como uma ciência.

4 ESTILO LITERÁRIO DE MÁRIO DE ANDRADE EM MACUNAÍMA

Através de uma narrativa que mistura elementos do folclore, da oralidade e da crítica social, Andrade constrói um personagem que é, ao mesmo tempo, herói e anti-herói, representando a complexidade da sociedade brasileira. O estilo literário de Mário de Andrade em *Macunaíma* é caracterizado por uma série de elementos que o tornam único.

Primeiramente, a linguagem utilizada é uma mescla de português do Brasil, com marcas de regionalismo, o que confere autenticidade à narrativa e aproxima o leitor da cultura popular brasileira. Andrade utiliza expressões e gírias que refletem a oralidade, criando, assim, um ritmo envolvente e dinâmico na obra.

Além disso, a obra é marcada por uma estrutura não linear, onde o tempo e o espaço são tratados de forma flexível. A narrativa é fragmentada, com episódios que se intercalam, permitindo que o leitor experimente a história de maneira não convencional. Essa técnica reflete a diversidade cultural do Brasil e a multiplicidade de vozes que compõem a identidade nacional.

O estilo de Mário de Andrade em *Macunaíma* pode ser analisado sob diferentes aspectos, como a linguagem, a estrutura narrativa e a utilização de mitos populares:

- **Linguagem e inovatividade¹**

A primeira característica do estilo de Mário de Andrade em *Macunaíma* é a linguagem inovadora. O autor utiliza uma linguagem híbrida, que mescla o popular e o erudito, o coloquial e o literário, criando uma sonoridade peculiar. A escolha de um vocabulário simples, mas carregado de expressividade, revela um esforço de aproximação com a oralidade brasileira. Mário de Andrade também faz uso de neologismos, palavras inventadas e recriações linguísticas, refletindo o desejo de desvincular-se das influências europeias e de encontrar um estilo genuinamente brasileiro. Essa linguagem desconstruída transmite, ao mesmo tempo, um senso de autenticidade cultural e de ruptura com as formas tradicionais de escrever, as quais se encontravam apegadas à ortodoxia da gramática normativa.

O termo inovatividade² é oriundo da área de Administração e corresponde à capacidade de inovar ou o grau de novidade de uma inovação. Na literatura significa o uso de

¹ Medida do grau de novidade de uma inovação. Refere-se à capacidade de uma organização ou indivíduo em gerar e implementar inovações. (site: <https://www.dicio.com.br/inovativo/>).

² <https://via.ufsc.br/inovacao-inovatividade/>

novos métodos, estilos, linguagens e temáticas, rompendo tradições e o estabelecido para criar algo novo, com valor estético e cultural.

A inovatividade apresentada por Mário de Andrade foi a elaboração d'*A Gramatiquinha da Língua Portuguesa*. Mário teve essa ideia para poder expressar com uma brasiliade, todo o ambiente onde ocorria a rapsódia de Macunaíma, que não poderia ser descrita no português europeu, com a riqueza de detalhes e características peculiares. Portanto, a necessidade da criação de um idioma natural, que pudesse designar não só o ambiente como também todas as pessoas envolvidas na trama, foi resolvida de forma criativa e inovadora pelo autor, como se fosse uma nova forma de comunicação para adequar e receber todos envolvidos na rapsódia.

Na apresentação *Macunaíma hoje*, de Telê Ancona Lopez e Tatiana Longo Figueiredo (Andrade, 2012, p.12) observa-se que “a atualização ortográfica pela norma vigente, na mesma consideração ao projeto literário, acata integralmente a estilização da língua falada no país, na prosa experimental da rapsódia que busca captar ‘a entidade brasileira’”.

Sobre esse aspecto do uso do português do Brasil como estilo literário, vale dizer que, antes da Semana de Arte Moderna, já existiam estudos de linguistas e filólogos sobre a fala brasileira ou língua nacional, que os modernistas usariam posteriormente para construírem uma literatura de ruptura em relação à gramática oficial. Havia ainda, no século XIX, o projeto alencariano de abrasileiramento do português, fato identificado especialmente em relação ao uso da colocação pronominal. Contudo, os modernistas fizeram dos fatos de uma linguagem um projeto literário de construção da brasiliade, como destacou Eduardo Coelho (2022):

Para os modernistas, a questão da dependência cultural passava também pela aprovação da fala brasileira enquanto maneira “correta” de se expressar. Ao escrever por meio da fala brasileira, trazendo-a como meio de manifestação artística, ela ganharia valor e legitimidade, consequentemente. A partir do momento em que centenas de autores escrevessem a fala brasileira, ela se tornaria normal, e depois se tornaria norma. (Coelho, 2022, p. 64).

É interessante perceber como esse movimento modernista se tornou pioneiro no aspecto de incorporar as variações linguísticas como uma forma de expressar a nossa literatura, estruturando uma leitura contra o preconceito linguístico, que hoje virou tema de estudo nas faculdades de Letras, especialmente trabalhado no campo da sociolinguística.

De acordo com Eduardo Coelho (2022):

Em 1925, através de “Evocação do Recife”, Manuel Bandeira escreveu em seus versos: “A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros/ Vinha da boca do povo na língua errada do povo/ Língua certa do povo/ Porque ele é que fala gostoso

o português do Brasil". Em seguida, por meio de versos cursos, o poeta ressaltou o ridículo da imitação do modelo português: "Ao passo que nós/ O que fazemos/ É macaquear/ A sintaxe lusíada" (Bandeira, 1998, p. 26 *apud* Coelho, 2022, p. 65-66).

A partir do evento em que os poetas brasileiros começaram a escrever as falas brasileiras, eles normatizaram fatos de linguagem característicos do povo, o que implicou em ampliar os limites de quem poderia escrever. Escrever a literatura brasileira era escrever por meio das falas brasileiras. A oralidade até hoje permanece como uma fonte de poesia, assim como foi a cultura dos povos originários e dos africanos colonizados.

É possível perceber então que o estilo brasileiro tentou fugir do português europeu, conseguindo, assim, através da oralidade, criar um estilo literário mais próximo do uso corrente do português no solo brasileiro.

- **Estrutura narrativa e quebra de convencionalismos**

Em *Macunaíma*, a estrutura narrativa também é um elemento importante para entender o estilo de Mário de Andrade. A obra não segue uma linearidade cronológica e convencional, mas apresenta uma narrativa fragmentada, com episódios que se intercalam e se sobrepõem. O caráter anárquico da história, que mistura fantasia, realidade e elementos míticos, é outra característica que a afasta da tradição narrativa clássica.

Conforme Telê Porto Ancona Lopez e Tatiana Longo Figueiredo (2013), a inovação e o experimentalismo se apresentam na obra *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*:

A atualização ortográfica pela norma vigente, na mesma consideração ao projeto literário, acata integralmente a estilização da língua falada no país, na prosa experimental da rapsódia que busca captar "a entidade brasileira". Convicta do valor da sonoridade e do ritmo da frase, em um texto configurado como uma "fala mansa, muito nova, muito! Que era canto e que era caxiri com mel-de-pau, que era boa e possuía a traição das frutas desconhecidas do mato", passa ao largo da escrita fonética em "lião", "viado", "ólio" e outras palavras, bem como de locuções inventadas ("de-noite", "há-de") e substantivos compostos grafados sem divisão ou constituídos no texto, tais como "sabiágonga", palavras-feias, bolo-de-aipim, entre muitos. (Andrade, 2013, p. 10).

Vale destacar mais um trecho das autoras, que trata exatamente da importância do experimentalismo:

O experimentalismo de linguagem radicalizado em *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter* (1928) - um dos livros mais emblemáticos das letras no Brasil. *Macunaíma*, o herói sem caráter é um canto vazado na língua portuguesa falada em nosso país. Livro marcante na literatura brasileira do século XX, destaca-se não apenas enquanto prosa experimental do modernismo brasileiro, mas como a rapsódia que constrói um Brasil desregionalizado, espaço no qual se desenvolvem as peripécias do "herói da nossa gente", um brasileiro em seus descaminhos. Por essa razão,

Macunaíma, obra de forte atualidade, tornou-se leitura fundamental. (Andrade, 2012, contracapa).

Ao contrário de obras que buscam uma sequência lógica e bem definida, *Macunaíma* se constrói por meio de uma sucessão de episódios independentes, o que confere à obra um tom de oralidade, típico das lendas e mitos populares. Essa falta de rigidez na construção da narrativa é uma marca do Modernismo e revela a busca por um estilo de expressão mais livre e condizente com a cultura brasileira.

- **Exploração do mito e do folclore**

A obra também se destaca pelo uso de elementos do folclore brasileiro e dos mitos indígenas. Macunaíma, o protagonista, é um herói que personifica a mistura de culturas que compõe o Brasil. Ele é um anti-herói, com características contraditórias e humanas, o que quebra os padrões de virtude e heroísmo tradicionais. A figura de Macunaíma, como uma criação mitológica, permite a Mário de Andrade explorar temas como a identidade cultural e a fusão de influências, desde a herança indígena até a contribuição africana e portuguesa. Ao integrar esses elementos em sua obra, o autor insere a literatura nacional no contexto da modernidade, ao mesmo tempo em que exalta o Brasil profundo e popular, um aspecto central do Modernismo.

Conforme Telê Porto Ancona Lopez (2012) comenta, *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter* é uma história engraçada. Em um primeiro momento, o processo de criação é lúdico e o segundo, lúcido. Ela diz que o início é o caos da criação. Depois, os retoques, as correções, as supressões, os acréscimos.

A obra, considerada dentro de um tipo de realismo que lida com o maravilhoso e com o mágico, é uma narrativa linear na medida em que observamos o desenvolvimento de sua ação dramática. As peripécias do herói, vividas num tempo e num espaço mágicos, que absorvem o mito do índio e os mitos do povo como contraponto à mitologia da sociedade tecnicista e de uma cultura colonizada, revelam na construção da narrativa a consciência da exploração do maravilhoso e do mágico, que está, aliás, já na própria criação popular.

Esse modo de escrever que Mário de Andrade escolheu para desenvolver sua rapsódia caiu no gosto popular por trazer uma nova maneira de conduzir a narrativa e criar novas técnicas de descrição relacionadas ao maravilhoso e ao mágico, criando assim uma nova literatura, que permitiu, após toda a pesquisa, se tornar uma obra-prima, reverenciada e estudada até hoje.

Através do livro *Roteiro de Macunaíma*, de M. Cavalcanti Proença (1997), é colocada a forma etnográfica que Mário de Andrade utilizou na escrita de *Macunaíma*, valendo-se principalmente dos estudos do etnógrafo Koch-Grünberg. A pesquisadora Telê Porto Ancona Lopez (2012) pormenorizou esse estudo explicando a utilização dos termos usados por Mário de Andrade, que aproveitou os termos usados por Koch-Grünberg para os mitos amazônicos. Esse material coletado se misturou organicamente a outros materiais para desaguar na obra de Mário de Andrade, que, em rasgo precursor do que viria a ser um traço distintivo da ficção latino-americana moderna, apresenta uma espécie de mundo transregional, que não corresponde a nenhuma realidade contínua do país, mas exprime muita coisa dele através de fragmentos plurais, arrumados conforme certo ângulo.

O transregionalismo aparece na obra de Andrade, pois ele criou uma rapsódia em que mobilizou toda a complexidade da língua portuguesa e mais as transformações porque o português sofreu no Brasil, com sua diversidade de idiomas resultante como um dos impactos da colonização. Da selva Amazônica até o Sudeste, mais precisamente São Paulo, existe uma diversidade enorme entre o falar de cada região, desde o analfabeto até o acadêmico.

Ele conseguiu com sua rapsódia juntar muitas palavras e criar um vocabulário próprio para essa obra-prima. Estudando a variação linguística, temos uma fonte inesgotável de saberes populares e expressões inimagináveis, mas criadas nas ruas, nos campos, nas matas, que se misturam, manifestando, dessa maneira, toda a diversidade brasileira sob configuração transregional.

Outro aspecto importante do estilo de Mário de Andrade em *Macunaíma* é a ironia e o humor. O autor utilizou o personagem Macunaíma para criticar a sociedade brasileira, suas contradições e hipocrisias. A figura do anti-herói, que não possui características pré-definidas, desafia as expectativas do leitor e provoca reflexões sobre a moralidade e a cultura do país.

Por fim, a intertextualidade é um recurso recorrente em *Macunaíma*. Mário de Andrade dialogou com diversas tradições literárias, desde a literatura clássica até o folclore brasileiro, criando uma obra rica em referências e significados. Essa mistura de influências contribui para a construção de uma narrativa que é, ao mesmo tempo, universal e profundamente brasileira.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance *Macunaíma*, escrito por Mário de Andrade e publicado em 1928, é uma das obras mais representativas do Modernismo brasileiro, e seu estilo literário reflete a busca por uma literatura efetivamente brasileira. O autor, ao retratar a figura mítica do herói Macunaíma, utiliza uma linguagem inovadora e uma estrutura narrativa que desafiam as convenções literárias da época.

O estilo literário de Mário de Andrade em *Macunaíma* é uma expressão da busca por uma identidade brasileira autêntica e da valorização da cultura popular, marcado pela mistura de elementos populares e eruditos, pela liberdade de forma e pela exploração de diferentes registros linguísticos, o que reflete tanto a diversidade cultural brasileira quanto o espírito da vanguarda modernista.

Em suma, o autor se afastou das convenções literárias da época para criar uma obra que é, ao mesmo tempo, uma crítica e uma celebração da cultura nacional, através de uma linguagem repleta de variações linguísticas em comparação com a gramática normativa da época.

Mário de Andrade criou uma obra que desafia convenções e provoca reflexões sobre a sociedade brasileira. Nesse sentido, colaboram ainda uma série de inovações, como a estrutura narrativa livre, não-linear, com ironia e intertextualidade, com a incorporação de mitos e elementos populares.

Assim, *Macunaíma* não apenas sintetiza os ideais do Modernismo, como também antecipa questões que ainda são relevantes no debate sobre a diversidade cultural brasileira, projetando a relevância e a influência da obra que permanece como testemunho da riqueza e complexidade da literatura brasileira.

Diante da importância do estilo literário desenvolvido por Mário de Andrade, *Macunaíma* continua a ser um marco relevante na história da literatura brasileira e que deve ser estudado com mais rigor crítico e aprofundamento teórico, considerando sua complexidade estética, linguística e seu papel na construção de uma identidade cultural do país.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. **A Gramatiquinha da fala brasileira**. Aline Novais de Almeida (Org.). Brasília: FUNAG, 2022. Disponível em: <https://funag.gov.br/biblioteca-nova/produto/1-1187>. Acesso em: 10 mar. 2025.

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma, o herói sem nenhum caráter**. Estabelecimento do texto Telê Ancona Lopez e Tatiana Longo Figueiredo. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma, o herói sem nenhum caráter**. Apresentação e estabelecimento do texto Telê Ancona Lopez e Tatiana Longo Figueiredo. Ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. (Saraiva de Bolso)

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma**: o herói sem nenhum caráter. Belo Horizonte: Villa Rica Editoras Reunidas, 1993.

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma**: o herói sem nenhum caráter. Belo Horizonte; Brasília: Itatiaia; INL, 1984.

ANTELO, Raúl. Macunaíma e a ficção de fronteira. **ARCA, Revista literária anual**, São Paulo: Paraula, primeiro número, 1993. Mário de Andrade (1893-1945). Edição organizada por Walter Carlos Costa. p. 19-30.

BOLZAN, Neides Marsane John; REBELLO, Lúcia Sá. Vida na obra de Mário de Andrade. **Literatura em debate**, Frederico Westphalen, RS. v. 9, n. 16 (ago. 2015), p. [80-95]. Disponível em: <https://revistas.fw.uri.br/index.php/literaturaemdebate/article/view/1725>. Acesso em: 10 mar. 2025.

CANDIDO, Antonio. **A formação da literatura brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CANDIDO, Antonio. **A formação da literatura brasileira**. São Paulo: Editora Nacional, 1999.

COELHO, Eduardo. A memória da poesia modernista. **Estudos avançados**, v. 36, n. 104, p. 53-72, 2022.

ENCICLOPÉDIA de Literatura Brasileira. Afrânio Coutinho (coord.). 2. ed. rev. ampl., atual. e il. Graça Coutinho e Rita Moutinho (coord.). São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Departamento Nacional do Livro; Academia Brasileira de Letras, 2001.

FIGUEIREDO, José Américo de. **Mário de Andrade**: a poética da invenção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

FONSECA, Maria Augusta. Exílio e paraíso: a carta de Macunaíma. **ARCA, Revista literária anual**, São Paulo: Paraula, primeiro número, 1993. Mário de Andrade (1893-1945). Edição organizada por Walter Carlos Costa. p. 31-38.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KIMORI, Ligia. A lição dos mestres: os parnasianos na biblioteca de Mário de Andrade. **Estudos avançados**, São Paulo, USP, v. 31, n. 90, p. 215-230, 2017.

LEITE, José de Alencastro. **O Modernismo e a Literatura Brasileira**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. **Macunaíma**: a margem e o texto. São Paulo: Hucitec, 1974.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. **Mário de Andrade** (verbete). São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa20650/mario-de-andrade>. Acesso em: 7 abr. 2024. Verbete da Enciclopédia.

MORAES, Marcos Antonio de. Mário de Andrade: epistolografia e processos de criação. **Manuscritica**: Revista de Crítica Genética, Vitória, ES, n. 14, p. 65-70, dez. 2006.

PROENÇA, Manuel Cavalcanti. **Roteiro de Macunaíma**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1987.

RAMOS JR., José de Paula. A fortuna crítica de Macunaíma. **Revista USP**, São Paulo, n.65, p. 125-130, março/maio 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13416>

RAMOS JR., José de Paula. **Leituras de Macunaíma**: primeira onda (1928-1936). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 2012.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. Macunaíma herói de um romance de aprendizagem. **ARCA, Revista literária anual**, São Paulo: Paraula, primeiro número, 1993. MÁRIO DE ANDRADE (1893-1945). Edição organizada por Walter Carlos Costa. P. 39-43

ANEXO A – EDIÇÕES DE MACUNAÍMA NA BASE MINERVA UFRJ

Edições disponíveis na UFRJ, pesquisadas na Base Minerva:

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Registro Completo

Formato: [Padrão](#) [Ficha](#) [Referência](#) [Nomes MARC](#) [Campos MARC](#)

Registro 24 de 24

[◀ Registro Ant.](#) [Próx. Registro ▶](#)

[Clique aqui para ver os itens](#)

No. de sistema [000579421]

Andrade, Mario de, 1893-1945.

Macunaíma : o herói sem nenhum caráter / Mario de Andrade . -- Rio de Janeiro : J. Olympio , 1937.

275 p. ; 20 cm.

Romance brasileiro.

Ativar o Windows

Ativar o Windows para utilizar o Minerva

#	Capa	Autor	Título	Ano	Material	Relevância	Biblioteca (Itens / Emp.)	Acesso Eletrônico
1		Andrade, Mario de, 1893-1945.	Macunaíma : o herói sem nenhum caráter /	2017	Livro	pts	EL(1/0)	
2		Andrade, Mario de, 1893-1945.	Macunaíma : o herói sem nenhum caráter /	2013	Livro	pts	EL(1/1)	
3		Andrade, Mario de, 1893-1945.	Macunaíma : o herói sem nenhum caráter /	2004	Livro	pts	EL(1/1)	
4		Andrade, Mario de, 1893-1945.	Macunaíma : o herói sem nenhum caráter /	2004	Livro	pts	EL(2/1)	
5		Andrade, Mario de, 1893-1945.	Macunaíma : o herói sem nenhum caráter /	2000	Livro	pts	IFCS(1/0)	
6		Andrade, Mario de, 1893-1945.	Macunaíma : o herói sem nenhum caráter /	1993	Livro	pts	EL(2/1)	
7		Andrade, Mario de, 1893-1945.	Macunaíma : o herói sem nenhum caráter /	1991	Livro	pts	CCMN(1/0) EL(1/1)	
8		Andrade, Mario de, 1893-1945.	Macunaíma : o herói sem nenhum caráter /	1988	Livro	pts	EL(1/0)	
9		Andrade, Mario de, 1893-1945.	Macunaíma : o herói sem nenhum caráter /	1986	Livro	pts	EL(2/0)	
10		Andrade, Mario de, 1893-1945.	Macunaíma : o herói sem nenhum caráter /	1984	Livro	pts	EL(2/1)	

[Acessível com VLibras](#)

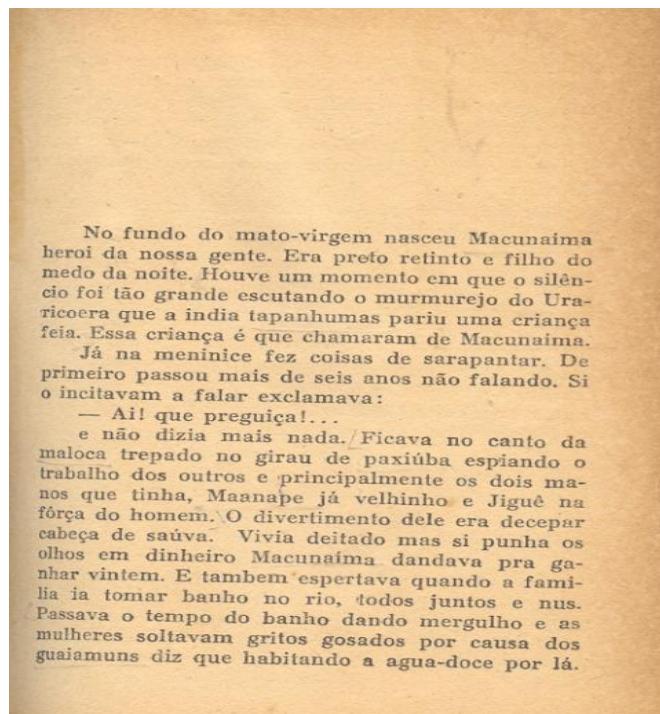
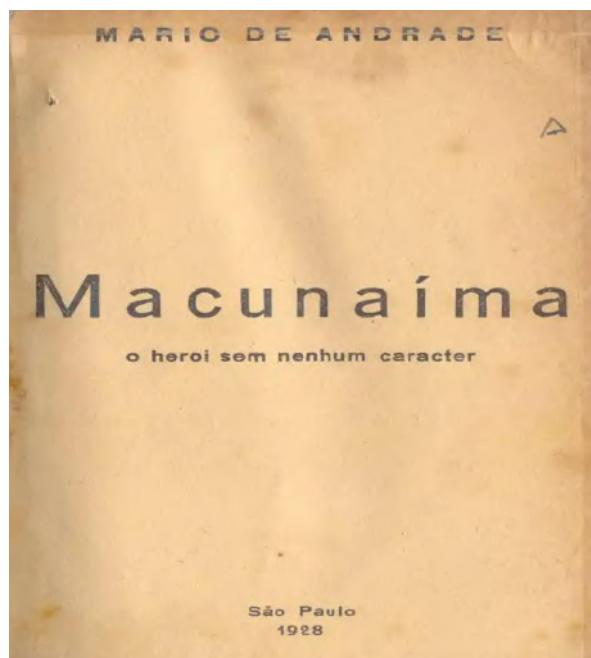
Ativar o Windows para utilizar o Minerva

#	Autor	Título	Ano	Material	Relevância	Biblioteca (Itens / Emp.)
11	Andrade, Mario de, 1893-1945.	Macunaíma : o herói sem nenhum caráter /	1983	Livro	pts	EL(2/0)
12	Andrade, Mario de, 1893-1945.	Macunaíma : o herói sem nenhum caráter /	1981	Livro	pts	EL(1/0)
13	Andrade, Mario de, 1893-1945.	Macunaíma /	1979	Livro	pts	FL(1/0) EBA(2/0)
14	Andrade, Mario de, 1893-1945.	Macunaíma : o herói sem nenhum caráter /	1978	Livro	pts	FL(2/0)
15	Andrade, Mario de, 1893-1945.	Macunaíma : o herói sem nenhum caráter /	1978	Livro	pts	FL(4/2)
16	Hollanda, Heloísa Buarque de, 1939-2025.	Macunaíma : da literatura ao cinema /	1978	Livro	pts	FL(5/0) EBA(2/0) CELIN(1/0)
17	Andrade, Mario de, 1893-1945.	Macunaíma : (o herói sem nenhum caráter) /	1977	Livro	pts	FL(2/1)
18	Andrade, Mario de, 1893-1945.	Macunaíma : o herói sem nenhum caráter /	1972	Livro	pts	
19	Andrade, Joaquim Pedro Macunaíma [gravação de vídeo] / de, 1932-1988	Macunaíma [gravação de vídeo] / de, 1932-1988	1969	Gravação de vídeo ou Filme	pts	CFCH(1/0)
20	Andrade, Mario de, 1893-1945.	Macunaíma : o herói sem nenhum caráter /	1969	Livro	Ativar o Wind	EL(1/0)

Acesse [G](#)ts para a

#	<input checked="" type="checkbox"/> Capa	Autor	Título	Ano	Material	Relevância	Biblioteca (Itens / Emp.)	Acesso Eletrônico
21	<input type="checkbox"/>	Andrade, Mario de, 1893-1945.	Macunaíma : o herói sem nenhum caráter /	1965	Livro	pts	FL(3/ 0)	
22	<input type="checkbox"/>	Andrade, Mario de, 1893-1945.	Macunaíma : o herói sem nenhum caráter /	1962	Livro	pts	FL(3/ 0) CAP(2/ 0)	
23	<input type="checkbox"/>	Andrade, Mario de, 1893-1945.	Macunaíma /	1944	Livro	pts	FL(1/ 0)	
24	<input type="checkbox"/>	Andrade, Mario de, 1893-1945.	Macunaíma : o herói sem nenhum caracter /	1937	Livro	pts	FL(1/ 0)	

ANEXO B – CAPA DA PRIMEIRA EDIÇÃO



ANEXO C – ENTRADA DO BLOG DA BIBLIOTECA NACIONAL



«ESPECIAL: 90 anos da Semana de Arte Moderna na Biblioteca Nacional
Agende-se! Confira as atrações culturais da Biblioteca Nacional »

Biblioteca Nacional guarda primeira edição de Macunaíma

90 anos da Semana de Arte Moderna na Biblioteca Nacional

Primeira edição de *Macunaíma* e outros três livros de Mário de Andrade estão no acervo da BN

A imagem abaixo reproduz trecho de um exemplar do clássico *Macunaíma*, do modernista Mário de Andrade. A primeira edição da obra, com tiragem de apenas 800 exemplares, impressos em papel e tinta de baixa qualidade, é considerada, atualmente, um tesouro da Literatura Brasileira.

A escolha dos materiais utilizados provavelmente foi decisão do autor de imprimir uma tiragem maior do que conseguia, se optasse por qualidade superior – consta que esta publicação foi financiada pelo próprio Mário de Andrade. Lançado em 1928, o livro tem 283 páginas e pertence ao acervo de Obras Raras da Biblioteca Nacional.

Macunaíma: o herói sem nenhum caráter. São Paulo: [Oficinas Gráficas de Eugenio Cupolo, 26 jul.] 1928. 283 p.:

ANEXO D – CAPAS DE DIVERSAS EDITORAS



ANEXO E – CARTA “ABERTA” A RAIMUNDO MORAES

A RAIMUNDO MORAES

Meu Ilustre e sempre recordado escritor.

Não imagina a intensa e comovida surpresa com que ontem, no segundo volume do seu "Meu Dicionário de Costumes da Amazônia" no ler na página 116 o verbete sobre Theodor Koch-Grünberg (naturalmente o sr. se refere a Koch-Grünberg, ou em nossa leitura, Koch-Gruenberg), topou com a referência a meu nome e a defesa que faz de mim. Mas como esta minha carta é pública pra demonstrar a admiração elevada que tenho pelo escritor do "Na Planície Amazônica", acho melhor citar o trecho do seu livro pra que os leitores se Intelhem do que se trata: "Os maldizentes afirmam que o livro "Macumalma" do festejado escritor Mário de Andrade é todo inspirado no "Von Borofma zum Orinoco" do sabio (Koch-Gruenberg). Desconheço eu o livro do naturalista germanico, não-creio nesse bento, pois o romancista patrício, com quem privei em Manaus, possui talento e imaginação que dispensam inspirações estranhas".

Ora apesar de toda a minha estilizada, exterior e conscientemente praticada humildade, me é difícil imaginar que embora o sr. não acredite na malvadeza desses maldizentes, sempre a afirmativa deles enlouca no seu espírito, pois garante o boato pra garantir com incontestável exagero, o seu valor. Sempre tive a experiência da sua generosidade, mas não deixou de me causar alguma pena que o seu espírito sempre acentuado na admiração dos grandes, preocupado com sucursais tão inúteis e absorventes como Hartt, Gonçalves Dias, Washington Luis, José Jaldo de Andrade, presidentes, Interventores, Ford e Fordlandia, se inquietasse por um plumtho ritmo que nem eu. E para apagar do seu espírito essa inquietude tomo a desesperada ousadia de lhe confessar o que é o meu "Macumalma".

O sr. muito melhor do que eu, sabe o que são os rapsódos de todos os tempos. Sabe que os cantadores nordestinos, que são nossos rapsódos atuais, se servem dos mesmos processos dos cantadores da mais alta ordem antiguidade, da Índia, do Egito, da Palestina, da Grécia, transportam integral e primariamente tudo o que escutam e leem pra seus poemas, só limitando a escolher entre o lido e escutado e a dar ritmo ao que escutam pra que caiba nas cantorias. Um Lenadro, um Atalde nordestinos, compõem no primeiro sobr' uma gramática, uma geografia, ou o jornal do dia, e compõem com isso um desafio de sabença, ou um romance trágico do amor, vivido no Recife. Isso é o Macumalma e esses sou eu.

Foi lendo de fato o genial etnógrafo alemão que me veio a ideia de fazer do Macumalma um herói, não de "romance" no sentido literário da palavra, mas do "romance" no sentido folclórico do termo. Como o sr. vê não tenho mérito nenhum nisso, mas apenas a circunstância ocasional de, num país onde todos dunsam e nem Spix e Martius, nem Schleicher, nem von den Steinen estavam traduzidos, eu dunsar menos e curiosas nas bibliotecas gastando o meu troço mudinho, mudinho, de alemão. Porém Macumalma era um ser apenas do extremo-norte e sucedia que a minha preocupação rapsódica era um bocadão maior que esses limites. Ora coincidindo essa preocupação com conhecer intimamente um Tschanner, um Barbosa Rodrigues, um Hartt, um Roquette Pinto, e mais umas tres centenas de cantadores do Brasil, dum e de outro foi tirando tudo o que me interessava. Além de ajuntar na ação incidentes característicos vistos por mim, modismos, locuções, tradições ainda não registradas em livro, fórmulas sintáticas, processos de pontuação oral, etc. de fadas de Índio, ou já bradileiros, temidas e refugiadas pelos geniais escritores brasileiros da formosíssima Língua portuguesa.

Copiei, sim, meu querido defensor. O que me espanta e acho sublimo de bondade, é os maldizentes só esquecerem de tudo quanto sabem, restringindo a minha cépia a Koch-Gruenberg, quando copiei todos. E até o sr. na cena da Bolívia. Confesso que copiei, copiei as vozes textualmente. Quer saber mesmo? Não só copiei os etnógrafos e os textos ameríndios, mas ainda, na Carta para Iannas, pás frases inteiros de Rui Barbosa, de Mário Barreto, dos cronistas portugueses coloniais, e devastei a tão preiosa quão solene Língua dos colaboradores da Revista de Língua Portuguesa. Isso era inevitável pois que o meu... isto é, o herói de Koch-Gruenberg, estava com pretensões a escrever um português de lei. O sr. poderá me contradizer afirmando que no estudo etnográfico do alemão Macumalma jamais teria pretensões a escrever um português de lei. Concordo, mas nem isso é invento minha pois que é uma pretensão copiada de 99 por cento dos brasileiros! Dos brasileiros alfabetizados.

Então, sou obrigado a confessar dumta vez por todas: eu copiei o Brasil, no menos nenhuma parte em que me interessava satirizar o Brasil por méio dele mesmo. Mas nem a ideia de satirizar é minha pois já vem desde Gregorio de Matos, puxa vida! Só me resta pois o aresco dos Cabralz que por terem em provável aciso descoberto em provável primeiro lugar o Brasil, o Brasil pertenceu a Portugal. Meu nome está na capa do "Macumalma" e ninguém o poderá tirar. Mas só por isso apenas o Macumalma é meu. Fiquo sossegado. E certo do que tem em mim um quotidiano admirador.

MARIO DE ANDRADE.

Esta carta "aberta" foi publicada por Mário de Andrade no Diário Nacional, a. 5, no 1.262.

São Paulo, em 20 set. 1931, na p. 3.